

O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial

TRADUÇÃO
Henrique M. Lajes Ribeiro

Samuel P. Huntington

NÃO-FICÇÃO • HISTÓRIA

*À Nancy,
que suportou o «choque» com um sorriso*

Índice

Prefácio	13
----------------	----

PARTE I UM MUNDO DE CIVILIZAÇÕES

1. A nova era da política mundial	19
Introdução: bandeiras e identidade cultural	19
Um mundo multipolar e multicivilizacional	21
Outros mundos?	30
Comparar mundos: realismo, parcimónia e previsões	38
2. Civilizações na história e hoje	44
A natureza das civilizações	44
Relações entre civilizações	54
3. Uma civilização universal? Modernização e ocidentalização	63
Civilização universal: significados	63
Civilização universal: origens	75
O Ocidente e a modernização	77
Respostas ao Ocidente e à modernização	82

PARTE II
O EQUILÍBRIO INSTÁVEL DAS CIVILIZAÇÕES

4. O enfraquecimento do Ocidente: poder, cultura e indigenização ...	93
Poder ocidental: domínio e declínio.....	93
Indigenização: o ressurgimento das culturas não ocidentais.....	106
<i>La revanche de Dieu</i>	111
5. Economia, demografia e as civilizações em ascensão	119
A afirmação asiática	120
O Ressurgimento islâmico	128
Novos desafios	141

PARTE III
A NOVA ORDEM DAS CIVILIZAÇÕES

6. A reconfiguração cultural da política global	145
Em busca de grupos: a política da identidade	145
Cultura e cooperação económica	151
A estrutura das civilizações	157
Países dilacerados: o insucesso das mudanças de civilização.....	162
7. Estados-núcleos, círculos concêntricos e ordem das civilizações	181
Civilizações e ordem	181
A Europa e os seus laços	183
A Rússia e o seu «estrangeiro próximo»	191
A grande China e a sua esfera de co-prosperidade	196
Islão: consciência comum sem coesão.....	204

PARTE IV
CHOQUES DE CIVILIZAÇÕES

8. O Ocidente e o resto do mundo: problemas intercivilizacionais	213
O universalismo ocidental.....	213
Proliferação de armamentos.....	216
Direitos humanos e democracia.....	225
Imigração	232
9. A política global das civilizações	242
Estados-núcleos e conflitos nas fronteiras civilizacionais	242
O islão e o Ocidente	244
A Ásia, a China e a América.....	255
Civilizações e Estados-núcleos: os novos alinhamentos	280

10. Das guerras de transição às guerras nas fronteiras civilizacio- nais	289
Guerras de transição: o Afeganistão e o Golfo	289
Características das guerras civilizacionais	296
Incidência: as fronteiras sangrentas do islão	300
Causas: história, demografia, política.....	305
11. A dinâmica das guerras civilizacionais	313
Identidade: a ascensão da consciência civilizacional.....	313
Reagrupamento de civilizações: países afins e diásporas.....	320
Parar as guerras civilizacionais	344
<p>PARTE V O FUTURO DAS CIVILIZAÇÕES</p>	
12. O Ocidente, as civilizações e a civilização	355
Renovação do ocidente?	355
O Ocidente no mundo	364
Guerra civilizacional e ordem civilizacional	369
A civilização como um bem comum.....	375
Notas	381

Lista das ilustrações

Quadros

2.1 — Utilização dos termos <i>mundo livre</i> e <i>Ocidente</i>	61
3.1 — Falantes das línguas principais	68
3.2 — Falantes das principais línguas chinesas e ocidentais	69
3.3 — Percentagem da população mundial fiel às principais tradições religiosas	74
4.1 — Território sob o controle político das civilizações, 1900-1993 ...	97
4.2 — Populações dos países pertencentes às principais civilizações do mundo, 1993	98
4.3 — Percentagens da população mundial sob o controle político das civilizações, 1900-2025	98
4.4 — Percentagens do produto manufacturado no mundo por civilização ou país, 1750-1980	100
4.5 — Parte produzida pelas civilizações em relação à produção mundial, 1950-1992	101
4.6 — Parte de cada civilização em relação aos efectivos militares existentes no mundo	102
5.1 — Crescimento excessivo da camada jovem nos países muçulmanos	139
8.1 — Exportações de armamento chinês, 1980-1991	221
8.2 — População dos EUA segundo a raça e a etnia	241
10.1 — Conflitos etnopolíticos, 1993-1994	302
10.2 — Conflitos étnicos, 1993	303
10.3 — Militarismo dos países muçulmanos e cristãos	304

10.4 — Possíveis causas da propensão dos muçulmanos para o conflito	310
---	-----

Figuras

2.1 — Civilizações do hemisfério oriental	55
3.1 — Respostas alternativas ao impacto do Ocidente	86
3.2 — Modernização e ressurgimento cultural	87
5.1 — O desafio económico: a Ásia e o Ocidente	121
5.2 — O desafio demográfico: o islão, a Rússia e o Ocidente	138
5.3 — Picos demográficos das camadas etárias jovens muçulmanas por regiões	140
9.1 — A política global das civilizações: os novos alinhamentos ..	288
10.1 — Sri Lanka: os picos das camadas etárias jovens cingalesa e tâmil	306
11.1 — Estrutura de uma guerra civilizacional complexa	322

Mapas

1.1 — O Ocidente e o resto: 1920	22-23
1.2 — O mundo da guerra fria: anos 60	24-25
1.3 — O mundo de civilizações: após 1990	26-27
7.1 — A fronteira oriental da civilização ocidental	186
7.2 — Ucrânia: um país dividido	194
8.1 — Estados Unidos: um país dividido?	240

Prefácio

No Verão de 1993 a revista *Foreign Affairs* publicou um artigo meu intitulado «The clash of civilizations?». De acordo com os editores da *Foreign Affairs*, aquele artigo provocou maior polémica em três anos do que qualquer outro artigo que tenham publicado desde os anos 40. Certamente provocou mais debate em três anos do que qualquer outro que eu tenha escrito anteriormente. Chegaram reacções e comentários de todos os continentes e países. As pessoas ficaram diferentemente impressionadas, intrigadas, ofendidas, assustadas e perplexas por a minha tese do conflito entre grupos de civilizações diferentes ser a dimensão central e a mais perigosa da nova política global. Seja como for, este artigo tocou num nervo sensível de pessoas de todas as civilizações.

Dado o interesse, a deturpação e a controvérsia sobre o artigo, pareceu-me desejável explorar mais a fundo as questões que ele suscitou. Um modo construtivo de colocar uma questão é formular uma hipótese. O artigo, que tinha no título um ponto de interrogação, geralmente ignorado, era um esforço nesse sentido. Este livro pretende fornecer uma resposta mais completa, profunda e cuidadosamente documentada à pergunta do artigo. Nele tento desenvolver, aperfeiçoar, acrescentar e, ocasionalmente, precisar os temas avançados no artigo e desenvolver muitas ideias e abordar muitos tópicos não tratados e nem sequer a florados no artigo. Nomeadamente: o conceito de civilizações; a questão de haver uma civilização universal; a relação entre poder e cultura; a evolução do equilíbrio de poderes entre as civilizações; a indigenização cultural nas sociedades

não ocidentais; a estrutura política das civilizações; os conflitos gerados pelo universalismo ocidental; a militância muçulmana e a afirmação chinesa; as reacções de contrapeso e de alinhamento à ascensão do poder chinês; as causas e a dinâmica das guerras civilizacionais*; o futuro do Ocidente e de um mundo de civilizações. Um dos principais temas ausentes do artigo diz respeito ao impacto crucial do crescimento da população sobre a instabilidade e o equilíbrio do poder. Outro importante tema não tratado no artigo está resumido no título e na última frase do livro: «Os choques de civilizações são a maior ameaça à paz mundial e uma ordem internacional assente nas civilizações é a mais segura salvaguarda contra uma guerra mundial.»

Este livro não tem a intenção de ser uma obra de ciências sociais. Procura, em vez disso, ser uma interpretação da evolução da política global depois da guerra fria. Pretende apresentar uma estrutura, um paradigma, para observar a política global que tenha significado para os investigadores e seja útil para os políticos. O teste destas qualidades não é o de, obviamente, explicar tudo o que acontece na política global. O teste a fazer consiste em saber se fornece uma lente melhor e com maior utilidade do que a de outros paradigmas alternativos através da qual possam ser observados os desenvolvimentos internacionais. Além disso, nenhum paradigma é eternamente válido. Mesmo que uma abordagem civilizacional possa ser útil para compreender a política global em finais do século xx e princípios do século xxi, tal não significa que possa ser igualmente útil em meados do século xx e meados do século xxi.

As ideias que, finalmente, deram origem ao artigo e a este livro foram, primeira e publicamente, expressas numa conferência Bradley no American Enterprise Institute, em Washington, em Outubro de 1992, e, depois, apresentadas num documento preparado para o projecto do Olin Institute sobre «The changing security environment and American national interests», tornado possível pela Smith Richardson Foundation. A seguir à publicação do artigo vi-me envolvido em inúmeros seminários e encontros através dos Estados Unidos, centrados sobre o «choque», com a participação de académicos, funcionários governamentais, empresários e outros grupos de pessoas. Para além disso, tive a sorte de poder participar em discussões sobre o artigo e a sua tese em muitos outros países, incluindo a África do Sul, a Arábia Saudita, a Alemanha, a Argentina, a Bélgica, a China, a Coreia, a Espanha, Taiwan, a França, a Grã-Bretanha, o Japão, o Luxemburgo, a Rússia, Singapura, a Suécia e a Suíça. Estas discussões permitiram-me confrontar-me com todas as grandes civilizações, excep-

* *Fault line wars* no original.

tuando o hinduísmo, tendo beneficiado imenso dos conhecimentos e das perspectivas dos participantes. Em 1994 e 1995 dirigi um seminário em Harvard sobre a natureza do mundo pós-guerra fria e os sempre vigorosos e, por vezes, bastante críticos comentários dos estudantes participantes constituíram um estímulo adicional. O meu trabalho neste livro também beneficiou imenso do ambiente académico e propício do Institute for Strategic Studies e do Center for International Affairs, de Harvard.

O manuscrito foi integralmente lido por Michael C. Desch, Robert O. Keohane, Fareed Zakaria e R. Scott Zimmerman e os seus comentários levaram a melhorias significativas, quer em substância, quer em organização. Scott Zimmerman também forneceu o indispensável apoio de investigação durante a redacção deste livro; sem a sua enérgica, competente e devotada ajuda este livro nunca teria sido acabado tão rapidamente quanto o foi. Os nossos assistentes na Universidade, Peter Jun e Christiana Briggs, também colaboraram nele entusiasticamente. Grace de Magistris dactilografou as partes iniciais do manuscrito e Carol Edwards, com grande empenhamento e enorme paciência, refez o manuscrito tantas vezes que já deve saber de cor grandes porções dele. Denise Shannon e Lynn Coc, da Georges Borchardt, e Robert Asahina, Robert Bender e Johanna Li, da Simon & Schuster, acompanharam animada e profissionalmente o manuscrito em todo o processo de publicação. Estou imensamente grato a todas estas pessoas pela sua ajuda na elaboração do livro. Fizeram com que fosse muito melhor do que teria sido sem elas. As deficiências remanescentes são da minha responsabilidade.

O meu trabalho neste livro tornou-se possível pelo apoio financeiro da John M. Olin Foundation e da Smith Richardson Foundation. Sem a sua ajuda, a conclusão do livro ter-se-ia arrastado por alguns anos, pelo que fico grato pelo seu generoso apoio. Enquanto outras fundações se têm orientado, cada vez mais, para questões internas, a Olin e a Smith Richardson merecem ser clogiadas por manterem interesses e os correspondentes apoios em trabalhos sobre a guerra, a paz e a segurança nacional e internacional.

S. P. H.

PARTE II

UM MUNDO
DE CIVILIZAÇÕES

1

A nova era da política mundial

Introdução: bandeiras e identidade cultural

Em 3 de Janeiro de 1992 teve lugar no auditório de um edifício governamental em Moscovo uma reunião de professores russos e americanos. Duas semanas antes a União Soviética deixara de existir e a Federação Russa tornara-se um país independente. Como resultado, a estátua de Lenine, que anteriormente adornava o palco do auditório, havia desaparecido e, em seu lugar, fora exposta na parede frontal a bandeira da Federação Russa. O único problema, observou um americano, residia no facto de a bandeira ter sido pendurada de cabeça para baixo. Depois de tal ser referido aos anfitriões, estes, rápida e serenamente, corrigiram o lapso durante o primeiro intervalo.

Os anos após a guerra fria presenciaram o início de mudanças dramáticas nas identidades dos povos e nos símbolos dessas identidades. A política global começava a ser reconfigurada tendo em atenção factores culturais. As bandeiras de cabeça para baixo eram um sinal desta transição, mas cada vez mais as bandeiras drapejam altaneiras e orgulhosas e os Russos e outros povos estão a mobilizar-se e a marchar atrás delas e de outros símbolos de uma nova identidade cultural.

Em 18 de Abril de 1994 2000 pessoas reuniram-se em Serajevo agitando bandeiras da Arábia Saudita e da Turquia. Ao empunharem aquelas